

Era a louca da aldeia.... —Composição e desenho de Nogueira da Silva. —Gravura de Coelho.

A NOITE DO NATAL.

III.

A TRAIÇÃO.

«Nós estavamos n'essa noite assistindo á festa de Filgal. Os ventos desenfreados faziam estalar os carvalhos. Ouvia-se gemer o phantasma da montanha. Um turbilhão de vento atravessou a sala, e fez vibrar as cordas da minha harpa; ella soltou um som lugubre, como canto de funeral.»

OSSIAN — *Darthula.*

Estamos n'uma vasta quadra, coberta de telha-vã, a que o pae de Emilia tem concedido a honra cumulativa de sala, ante-sala, camara, casa de jantar, e saleta de espera. A um lado vê-se uma ampla lareira, com um bom fogo, onde arde, crepitando em estalidos intermittentes, o *cepo-do-natal*.

O *cepo-do-natal* é uma antiga e devota usança adoptada pelos povos de algumas das nossas provincias; e não é só nossa, porque Christien, no seu estudo critico sobre os costumes dos caledonios, diz que os antigos escocezes queimavam, em todas as suas festas, um grande carvalho, a que chamavam o *tronco-da-festa*. Em Portugal esta usança pratica-se da maneira seguinte.

Pelas vesperas do Natal, os lavradores abastados e devotos mandam cortar do pinheiro mais virente e robusto, que avulta em seus pinheiraes, um tronco, que é solemne e festivamente trazido á sua morada, e depositado sobre a lareira. Na noite do Natal accende-se e arde até pela manhã, guardando-se devotamente o que escapa das chammas; pois, segundo crêem os bons camponezes, tem o condão de afugentar os raios e preservar d'elles, e muitas outras mirificas propriedades e virtudes, como a palma benta, as campainhas de Roma, e os cirios das endoenças.

O *cepo-do-natal*, que ardia sobre a lareira do tio Jeronimo, havia-o cortado Antonio, na vespera, de um ingente e frondoso pinheiro, que altivo campeava na assomada da serra, á sombra do qual muitas vezes o mesmo Antonio se assentára com a sua querida Emilia. Tinha sido o confidente dos seus amores; era bem que assistisse ás suas bodas. A rapaziada da aldeia havia-o ajudado a trazer ao casal, o que para ella fôra grande folguedo; e a boa tia Catharina já se achava abarbada de pedidos, feitos pelas aldeãs, que queriam que o ramo milagroso se repartisse por ellas, á laia de santo-lenho, porque estavam quasi certas de que o tronco mysterioso, que fôra guarida de amores, sacrario de segredos de ternura, e agora *cepo-do-natal,* teria mais virtude ainda de attrahir corações, do que de afugentar raios.

Mas ponhamos de banda os desejos femininos da aldeia, e continuemos o esboço da casa do velho Jeronimo.

Em roda da lareira está o bom do velho, folgando em tecer apotheosis aos passados tempos, com o cura da aldeia, ancião respeitavel, querido de todos pelos dotes do seu caracter verdadeiramente apostolico, e o boticario da terra, a quem o dono da casa havia convidado para *fazerem a meia-noite* com elle, como pessoas mui da sua particular estima. Junto d'elles vê-se *diamante* estirado, aquecendo-se ao calor da lareira, seguindo com os olhos os menores gestos dos tres; e ora espetando as orelhas, ora açoutando as ancas com a cauda, resmunêa, olhando de travez o boticario, creatura com quem embirra figadalmente. Do tecto pende um lampeão de ferro, projectando uma claridade vacillante e baça em todo o recinto,

que está apinhado de raparigas da aldeia, mui guapas e garridas, com suas galas e donaires estreados de novo; e da flor dos mancebos aldeões, amigos de Antonio, com quem travam praticas folgasãs, brincam, chacoteiam e riem, formando diversos grupos, os quaes, exaggerados pelos lampejos intermittentes da lareira, que, ora aclarando a casa toda, os diminue como pigmeos, ora, quasi extinguindo-se, os augmenta, tomam fórmas rasgadas, descommunaes, grutescas, e phantasticas.

A alegria transsuda nos semblantes de todos; mas uma alegria franca e sincera, sem retracção nem embaímentos. Cada bocca é um interprete da alma; cada olhar um reflexo de sensações intimas; cada palavra a manifestação singela de um sentimento puro; e essas expressões, com quanto energicas, vehementes e até mesmo rudes, são, comtudo, ingenuas e chãs, como a existencia simples e laboriosa d'aquellas pobres gentes. Póde-se dizer que a scena que se passa em casa do tio Jeronimo é um verdadeiro episodio da folgasã e honrada vida campestre, com toda a sua apparencia tosca, simples, lhana e primitiva, mas com o verdadeiro fundo que distingue um entretenimento d'esta ordem — a sinceridade, de um sarão hypocrita de gente palaciana. Em fim, é um quadro como nunca o produzira o pincel flamengo nas suas inspirações mais naturaes e animadas da vida patriarchal dos campos. Teniers enriquecêra alli a phantasia de episodios, que só a existencia, comprehendida nos seus accidentes, póde revelar; e Hogarth folgára de poder reproduzir com a mesma vida e colorido o conjuncto que se lhe offerecia á vista.

Este contentamento, porém, já de si tão buliçoso e expansivo, era ainda mais atiçado pela substanciosa consoada, que fumegava em cima de uma grande banca, a um canto da casa, para a qual olhava de vez em quando, com vistas ávidas, o boticario, mais forte na gastromania, que na pharmacia, e que, ao cabo de longo cogitar, tinha assentado de si para si, que o primeiro e mais cabal principio hygienico era comer bem, e sobre tudo á custa alheia. Catharina, por seu lado, não cabia em si de contente; o que ella demonstrava pela maneira, nada equivoca, de variados e infindos berreiros, dirigidos em todos os tons, desde o mais roufenho até ao mais gritadeiro e espevitado, contra os maloios dos criados, que a faziam levar da breca por desazados e broncos. Antonio, já esquecido da apparição do desconhecido, estava tambem entregue á geral folgança: só Emilia lidava por simular semblante prazenteiro; mas conhecia-se que dentro a ralava pesar, que ella mal podia reprimir. Emilia effectivamente tinha saído mais satisfeita do que viera da missa-do-galo; e o motivo parecia um pequeno bilhete, que ella já por mais vezes lêra furtivamente á claridade da lareira. Mas isto, na confusão, não era notado, nem até o seria por Antonio, a não sobrevir um accidente.

Mais por comprazer com as aldeãs, suas amigas, do que por vontade, Emilia entretinha-se a bailar com algumas d'ellas: no conflicto do brinquedo saltou-lhe do seio o mysterioso papel, que tão preoccupada a trazia: as camponezas, julgando ser alguma carta de Antonio, lançaram-se sobre elle de roldão, querendo-o tomar ás mãos; porém Emilia com presteza o apanhou; mas não tão rapido, que não fosse vista por Antonio, que, chegando-se a ella, lhe disse:

— Parece-me que saíste mais alegre do que entraste. Terás acaso algum feitiço que te dessem n'esse papel?

— Feitiço?! ora tens cousas, Antonio! Isto é... é... E Emilia balbuciou algumas palavras, sem que atinasse com resposta. Olha, Antonio, continuou ella, puxando-o de parte; eu devo estar certa de que confias no meu amor, não é assim?

— E quem o duvida! acudiu Antonio, agastado pela estranheza da pergunta.

— Pois então assegura-te que este papel em nada póde alterar a nossa estima; mas peço-te só que o não queiras ver antes de nos recebermos....

— Antes de nos recebermos!... E porque m'o não deixas ver hoje, agora mesmo? porfiou Antonio, levado da singularidade da exigencia.

— E dizes tu que não duvide eu de que me estimas?! Se assim fosse, não teimarias em ver o papel. É que desconfias de mim; continuou Emilia, tomando um ar pesaroso, e pregando os olhos no chão.

— Não, minha Emilia; não é desconfiança, é só curiosidade; mas nem essa já tenho; accrescentou com ternura o camponez, lançando-lhe um braço em torno da cintura; já até nem quero ver esse maldito papel, que foi a causa de tu te agastares commigo.

— Agastar-me comtigo? Estás brincando; lhe replicou Emilia, dando-lhe a mão, que apertou com affecto.

— Vamos para a mesa, rapazes, grita a velha Catharina, com voz de estentor: toca a consoar. Aqui não ha guizados, mas o que ha é de boa vontade. *Só* padre cura.... O Jeronimo! conduze o *só* padre cura.

Aos gritos de Catharina, *diamante* empinou-se, e todos se dirigem para a mesa.

Jeronimo conduziu o cura e o boticario, os quaes tomaram assento; e os demais, a seu exemplo, fizeram o mesmo.

A mesa vergava com o peso de uma taleiga ingente, atulhada de chispos de porco e nabiças, que estavam que os anjos os podiam comer, segundo a phrase da boa da dona da casa: ao lado campeavam dois avultados cangirões de vinho da lavra do tio Jeronimo, que a miude se foram despejando nos canecos parciaes, que giravam em contradança successiva pelas mãos dos convivas. Uma ampla escudella, cheia de bolos de festa, completava a guarnição, e atiçava os olhares do boticario, que já se fazia com terra de engolir a sua meia duzia, e sepultar outra meia nas amplas algibeiras do sobretudo.

— Cá os bolos de festa são obra de Emilia, sr. padre cura; disse Jeronimo, offerecendo-os ao cura, e revendo-se na filha.

— Deus a abençoe, e faça tão feliz com Antonio, como tem sido seus paes, já que tem as boas qualidades d'elles; respondeu o cura, affagando a joven camponeza, que lhe retribuiu, beijando-lhe a mão.

Antonio, durante a ceia, não desfitára d'ella, mal podendo deixar de lhe dar cuidado a sua visivel tristeza. Emilia bem o tinha percebido, e por isso luctava comsigo por apparentar de distrahida, e satisfeita; mas debalde, porque o pesar occulto, que lhe confrangia o peito, transpirava manifestamente em seu semblante. Antonio conhecia a fundo a pureza d'aquella alma, e amava-a como se póde amar uma mulher; todavia, não lhe querer ella mostrar aquelle sinistro papel, e estar triste e preoccupada na vespera do seu noivado, quando importava estar mais alegre do que nunca, era uma cousa, cuja explicação elle não achava, por mais que ruminasse; e ainda estaria a pensar n'isto, se não fosse um berro estrondoso da tia Catharina, que se dirigia aos aldeões n'estes termos:

— Então, rapazes, parece que estão mais para dormir que para comer. Fortes piscos: não bolem com os queixos senão para dar á taramella. Eu bem sei o que *vocês* querem... não estejam a olhar para mim de boca aberta, que eu bem os entendo.... Aposto que querem ir á *brincadeira?!* heim?

— É verdade, tia Catharina; queremos, queremos, proromperam todos os aldeões, erguendo-se, como *maioria* de camaras legislativas ao aceno ministerial.

—Pois dansem e brinquem com a breca; mas olhem que eu ainda quero um resto da noite para dormir, ouviram? disse o tio Jeronimo, erguendo-se da mesa, depois de ter dado graças, e haver recebido a benção, que o cura deitou a todos.

Os aldeões, accesos em alegria, saltaram para o meio da casa, e se dispozeram a formar danças, buscando os seus pares validos. Antonio travou do braço de Emilia, dizendo-lhe:

—Isso é mentira.

—O que, Antonio?

—O que estás a pensar.

—Assim Deus o quizesse, exclamou ella, volvendo um olhar a Antonio, onde se pintava a angustia.

—Mas que tens tu, Emilia? Olha que me fazes scismar, ainda que eu o não queira, replica-lhe o mancebo afflicto.

—Pois não fallemos mais n'isso. Sabes que mais, vamos dançar, diz ella desviando adrede o fio da conversa; e n'isto lhe enfiou o braço, esforçando-se por se mostrar contente, e incitando-o a dançar.

Antonio quasi que compellido por Emilia, chegou-se com ella para junto dos aldeões, que formavam *rodas*, ou choréas, bailando em circulo, de mãos dadas, as quaes soltavam, tomando o braço aos pares, e andando assim em volta, quando em chusma respondiam, cantando, á quadra, que um, a solo, havia entoado.

A chegada dos noivos, uma aldeã mocetona, gentil e morena, que tentára seus requebros a respeito do amante de Emilia, rompeu n'esta cantiga:

Janellas avarandadas
Longe deitam as biqueiras:
Não ha vida mais feliz
Qu'é a das moças solteiras.

Os camponezes andando em roda, responderam em chusma:

O' giralda, giraldinha,
Toca, toca a giraldar,
Meia volta, uma volta,
Outra volta eu quero dar.

A primeira quadra era uma luva lançada a terceiro: Emilia logo percebeu onde ia bater a pedrada, e por isso respondeu:

O' que pinheiro tão alto,
O' que pinhas tão doiradas;
Não ha vida mais feliz
Qu'é a das moças casadas.

A resposta foi acolhida com applausos; porque quasi todos percebiam a allusão; e Antonio, que a percebia melhor que ninguem, olhando Emilia, entoou a seguinte copla:

A laranja, quando nasce,
Logo nasce redondinha:
Tambem tu, quando nasceste.
Logo foi para ser minha....

Um huivo agudissimo, lugubre e prolongado, cortou a toada. Fôra *diamante* que o soltára, erguendo-se de um salto d'ao-pé da lareira, fitando a porta, com o pello hirto, os olhos em fogo, e açoitando as espadoas com a cauda, como que preparando-se a arremetter um inimigo invisivel.

No mesmo instante uma voz rouca e cava, mais infernal que humana, entoou, da parte de fóra da casa, esta quadra, que parecia responder á de Antonio:

O limão tira o fastio;
A laranja o bem-querer:
Tira tu *d'ella* o sentido,
Que *tua* não póde ser.

—Isto é demais! brada Antonio, acceso em colera, arremettendo ao canto da casa, onde estava o seu varapáo.

—Jesus! Santo nome de Jesus, exclamaram as mulheres.

A porta foi aberta, e todos os homens, menos o cura e o boticario, saíram armados do que acharam á mão. Antonio os precedia, levando-lhes grande dianteira: e *diamante*, espumando de sanha, pulava-lhes na frente.

Catharina, enfiada, agarrou-se ao cura gritando-lhe:

—Em nome do bento Jesus, *só* padre cura; detenha o meu Jeronimo; mas o cura, desembaraçando-se d'ella, correu para Emilia, que baqueava no chão, sem sentidos.

—Algum espirito para esta pequena cheirar: brada o boticario, dirigindo-se ás aldeãs, que aterradas cercavam Emilia.

—Ai! a minha filha, que está morta! exclamou a tia Catharina, lançando-se sobre ella.

—Olhe que a suffoca, tia Catharina: lhe diz o cura, separando-as. Está só desmaiada. O melhor é desapertal-a.

—Desapertem-lhe as roupinhas, que eu não sei de mim; diz Catharina ás raparigas, que esfregavam os pulsos e as fontes a Emilia com vinagre sete-ladrões, e lhe faziam respirar mostarda. Que papel é esse? continuou ella, pegando no mysterioso bilhete, que saltára do seio de Emilia ao desapertarem-n'a. Veja lá *só* padre cura, que eu d'isso nada entendo.

O cura tirou os oculos, e dispunha-se a lêl-o, quando um clamor de vozes, vindo da parte de fóra, distrahiu a attenção a todos.

—Que desgraça! que desgraça! exclamou o tio Jeronimo entrando, e atirando comsigo para cima de um banco, e depois, desatando a chorar, como uma criança.

—Que foi? pergunta Catharina, toda cheia de espanto: que foi que aconteceu, Jeronimo?

—Assassinaram o nosso Antonio!

Um grito de terror saiu da bocca de todos.

—Assassinado Antonio?!... E quem foi o assassino?!... pergunta o cura, tomado da mais viva afflicção; onde está? não o prenderam?

—Qual prender! Isso é bom de dizer, respondeu um dos rapazes da aldeia. Vá lá prendel-o á corrente *adonde* elle se atirou da quebrada da serra.

—Mas como foi isso, interroga o boticario?

—Ora como foi? continua o mesmo rapaz. Antonio saiu d'aqui, e adiantou-se de nós: lá em baixo ao voltar, quasi ao pé da encruzilhada, ahi é que me parece que foi que o meliante o assaltou, pois foi ahi que o encontrámos estirado com a cabeça aberta, e o corpo feito um crivo de facadas.

—Santo nome de Jesus! gritaram todos.

—Que fatalidade! disse o cura, erguendo as mãos ao ceo. E como souberam que o malfeitor se despenhou na corrente? continuou o cura.

—Porque *diamante* se lançou a elle com unhas e dentes, proseguiu o aldeão. Nós ainda o vimos, na subida da encosta a luctar com o matador de Antonio; mas não podémos ser bons áquelle patife; porque, assim que nos acercámos mais, vimos caír o pobre do cão, e o homem seguir para o lado da quebrada. *Diamante* estava cosido a facadas. Nós, quando vimos tanta maldade, seguimos todos aquella alma damnada dispostos a arrancar-lhe as entranhas pela bocca, ainda que fosse o demo em pessoa; mas elle tirou-nos este trabalho; porque, ao chegar á quebrada, lançou-se á corrente....

Uma risada esganiçada, estridente, nervosa e aguda, interrompeu o aldeão.

Era Emilia que, tornando a si, entre-ouvíra a narração da morte de Antonio; e que, desvairada pelos

terriveis acontecimentos d'aquella noite, soltára aquella gargalhada.

Todos espavoridos e pasmados a rodearam.

— Foste tu! clama ella, pallida, convulsa, e envesgando os olhos; foste tu, malvado, que o mataste? E porque?!... porque sempre te tive odio.... odio! sim, odio, e muito odio!... Meu coração já o adivinhava... Mas porque não avisei eu Antonio?!... Tu já me tinhas dito n'este papel que o havias de matar.... Oh! n'este papel, que tu me entregaste, por entre o tumulto, ao saír da freguezia!... E eu acceitei-o!... julgando que era Antonio, que me apertava a mão!... Mas elle alli está!... Está alli a devorar-me com os olhos!... continuou ella com um tom de indizivel raiva, apontando para o velho Jeronimo, que a soluçar a olhava, debulhado em lagrimas; depois estorcendo-se, como possessa de espirito máo, caíu em novo desmaio.

— Minha filha! minha querida filha! clamou Catharina de joelhos, junto d'ella.

— Mas que papel é esse, em que ella falla? diz Jeronimo.

— Talvez seja o que o sr. cura tem na mão, que foi achado no seio de Emilia, responde uma aldeã.

— Ai! nem de tal me lembrava já, diz o cura; estou como fóra de mim. Vamos a ver se o papel explica alguma cousa. O cura leu o seguinte:

«*Emilia, pensa bem quanto póde um amor desprezado; e fica certa de que Pedro, assim como te soube amar, tambem saberá vingar-se.*»

Eram as terriveis palavras que Pedro, o militar, proferiu ao despedir-se de Emilia, quando a fôra pedir para esposa a seus paes, e ella o recusára.

O seu infernal protesto de vingança fôra cumprido.

EPILOGO

Haviam decorrido dois annos: o aspecto da aldeia tinha mudado: era triste e arido. A familia de Jeronimo, que fôra o centro da alegria, em torno da qual gravitavam os pobres camponezes, estava cortida de pesares e angustias.

Era uma tarde ao pôr-do-sol: o tio Jeronimo, encanecido e curvado, estava sentado á porta da sua habitação, olhando fito o horisonte, onde elle contemplava o astro do dia findando a sua carreira, como para elle já tinha findado a sua ventura. Era a imagem da sua sorte! Duas lagrimas deslisavam pelas faces ao pobre velho.

Catharina, magra, dobrada, e como demente, rezava ao pé de seu marido.

No meio da estrada, junto de uma encruzilhada, via-se uma camponeza de poucos annos, sentadinha n'um vallado, proximo de uma cruz tosca de madeira, que se erguia d'entre as piteiras. Uma pallidez mortal, como véo mortuario, lhe cobria o rosto. Seus olhos, posto que formosos, divagavam errantes e sem intenção. Os olhos são os nuncios da intelligencia; n'elles não havia expressão, porque na misera aldeã não havia entendimento. Era a louca da aldeia; a malaventurada Emilia; aquella que d'antes fôra chamada — Flor da serra — : e o sitio onde ella estava, o logar em que tinham assassinado Antonio, o esposo do seu coração.

Seis horas soaram no campanario da freguezia. O som triste e pesado do sino pareceu arrancar dolorosas recordações á pobre doida; levantou a cabeça e ergueu-se, olhou a aldeia, e depois tomou pela estrada, para o lado da freguezia, e desappareceu.

Deram sete horas, deram oito, e Emilia ainda não apparecia em casa; deram oito e meia; deram em fim nove, e ella sem apparecer.

— Vão-me procurar a minha filha! a minha querida Emilia! grita Jeronimo, cheio de inquietação.

— Ella aqui está, lhe respondem uns aldeões que traziam Emilia em braços, pallida e fria. Foi encontrada no cemiterio, sobre uma sepultura semeada de flores.

Era a sepultura de Antonio.

Emilia tinha voado a elle.

ANDRADE FERREIRA.

ELECTRICIDADE CONTRA ENVENENAMENTOS.

Uma recentissima e benefica descoberta mostra o poder da electricidade, que, sem ser mui energica, póde fazer saír do corpo humano venenos metallicos, como os que atacam os douradores, os prateadores, os fabricantes de espelhos, certos trabalhadores em chumbo, etc.

Para conseguir o fim prepara-se um banho d'agua um pouco acidulada. N'elle entra o individuo sobre que se quer operar, tendo o cuidado, para o isolar, de o pôr sobre um banco com pés de vidro, ou n'um pedestal de vidro. Dando-se-lhe a tomar na mão o polo positivo da pilha, vê-se immediatamente que se depõem ao pé do polo negativo, que se applica á circunferencia ou á superficie exterior do recipiente, que deve ser de metal, as partes do veneno metallico que estava no corpo do individuo atacado.

DEMOLIÇÕES E CONSTRUCÇÕES EM PARIS.

Por um relatorio, que o prefeito do Sena acaba de fazer ao conselho municipal, sabe-se que desde 1852 a 1856 foram demolidas em Paris 2.524 casas, e construidas de novo 5.238. O anno 1857 augmenta d'um terço este numero já tão consideravel de casas novas. Comtudo a alta das rendas das casas não pára. Porque será? Dizem que é porque a população fluctuante de Paris, que ascende a 150.000 almas, faz com que o espirito de especulação converta em hoteis mobilados grande numero d'essas novas habitações.

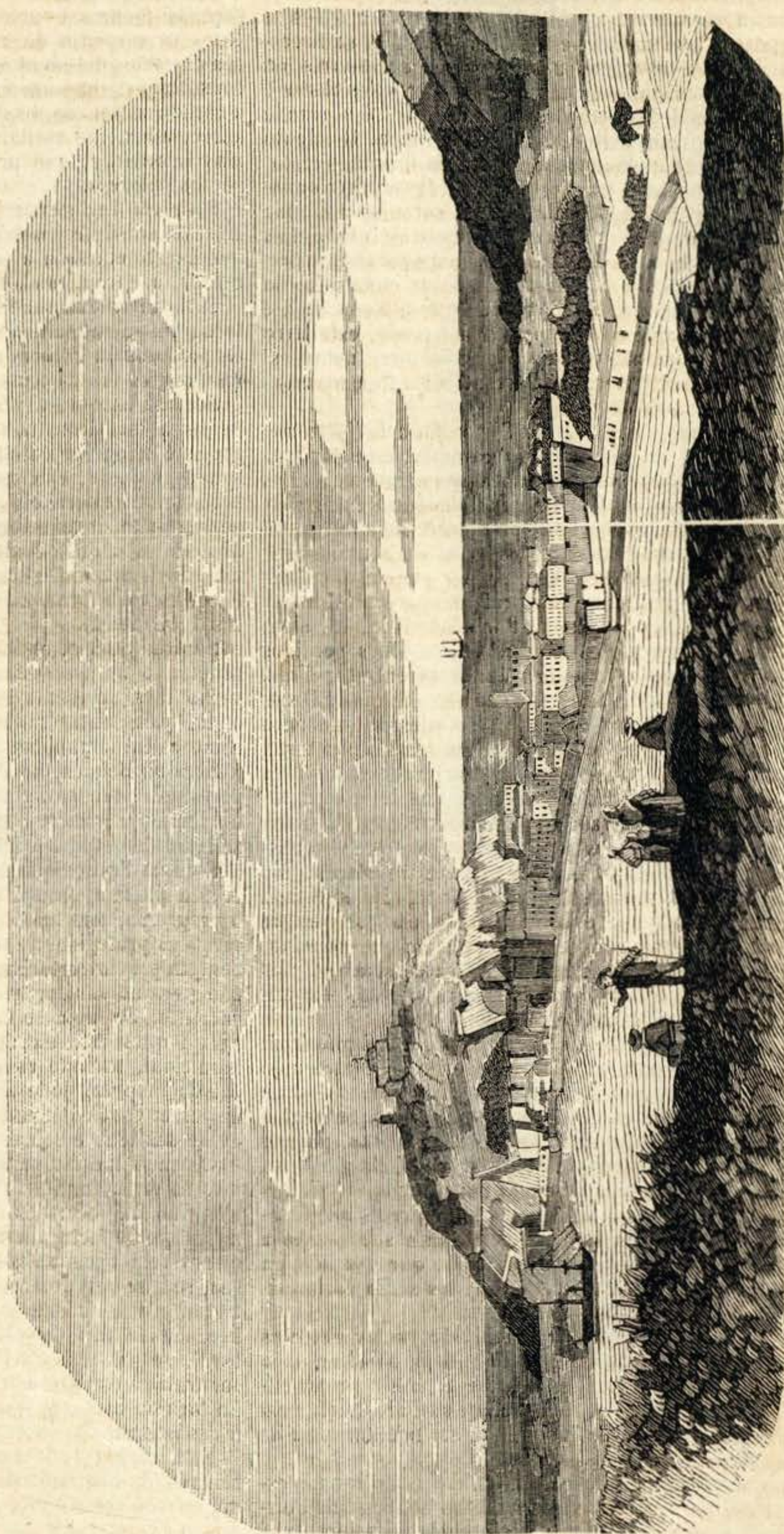
S. SEBASTIÃO DE BISCAIA.

A Biscaia, parte da antiga *Cantabria*, é provincia maritima da Hespanha, banhada ao norte pelo Atlantico, confinando pelo oeste com a Asturia Santilhana, pelo sul com a Castella-velha e provincia de Alava, e pelo éste com a de Guipuzcoa. Tem a figura d'um coração de 60 sobre 100 kilometros de extensão. O paiz produz trigo para seu consumo, e grande quantidade de fructos. O mar é liberal no pescado que lhe dá. Tem madeiras para construcção naval, e muitas minas de ferro e chumbo. Os biscainhos são activos, ageis, honestos, cortezes, os melhores soldados, e os mais habeis marinheiros de toda a Hespanha. Fallam uma lingua particular, que tem pouca analogia com as outras linguas da Europa. Bilbáo é capital da provincia.

A nossa gravura representa a cidade de S. Sebastião vista do lado da Concha. Não é uma grande cidade, mas é bem fundada, e, pela sua posição, reina em toda ella grande actividade. As ruas são compri-

das, direitas, e calçadas de grandes pedras brancas. Os arredores são mui agradaveis. Os habitantes tinham, pelos seus fóros, o antigo e singular privilegio de, quando tratavam com o rei de Hespanha em pessoa, este os ouvir descoberto.

S. Sebastião é cabeça da intendencia do mesmo nome, e da capitania-general de Guipuzcoa. Sita n'um ilheo do golfo de Gasconha, communica com a terra firme por uma ponte de madeira. Demora 62 kilometros ao noroeste de Pamplona. Tem 10:000 habitantes. O seu porto é pequeno, mas seguro, inda que de difficil entrada. Suas fortificações são importantes. A cidade, depois do assedio de 1813, foi quasi toda reconstruida. Tem alguma industria. O seu commercio, consideravel outr'ora, decaíu com a independencia da America-hespanhola. Importa generos coloniaes, e manufacturas inglezas e francezas. Exporta ferro. Em todas as guerras entre Hespanha e França tem padecido muito.



S. Sebastião de Biscaia. — Gravura de Coelho Junior.

LIBERDADE DE CONSCIENCIA.

Para os que crêem que caminhâmos para um tempo novo, vivendo entre um mundo que expira, e um mundo que começa, não ha indicios mais brilhantes, que os contrastes de todo o genero, de que a sociedade actual offerece o mais admiravel espectaculo, no fervor e na incredulidade; na altivez e na baixeza; nas paixões generosas e nas cobiças villãs; na probidade severa e na immoralidade sem pejo; no epicurismo frivolo e na virtude estoica. Entre estes indicios do tempo, póde-se com justo motivo collocar a recente publicação de mr. Jules Simon, *La liberté de conscience*.

Mal deixára voluntariamente a cadeira do ensino publico, e emprehendêra continuar a espalhar com a penna lições de philosophia, Simon, que só contava com um pequeno auditorio de pensadores solitarios, com os antigos discipulos dos seus cursos, que ainda procurassem, depois da dispersão, a palavra do mestre; viu que um resultado admiravel e inesperado coroava com geral e popular acolhimento suas publicações philosophicas. Suas edições multiplicam-se e esgotam-se rapidamente: são precisas de todos

os formatos, para pobres, e para ricos. É que, como Buffon, como d'Alembert, como Cuvier, como Arago, que puzeram a sciencia ao alcance de todo o mundo, Simon popularisa a philosophia, abre-a a todos os espiritos, ou, melhor, a todas as almas, e, se necessariamente parte das alturas pouco accessiveis da metaphysica, sabe chegar e espairecer pelas claras e amiudadas demonstrações da moral. Tal é o grande segredo do bom exito das obras de Simon. O talento do espirito e a eloquencia do coração fizeram o resto.

A sua primeira publicação foi o *Dever*, livro austero, mas consolador. Levanta a coragem abatida; fortalece as almas; prova que Epicteto escravo é mais livre, maior, mais feliz que seu iniquo senhor; mostra a recompensa immediata do dever cumprido, da virtude constante. Se é verdade que a hypocrisia é homenagem que o vicio presta á virtude, este livro de moral pura não podia achar detractores, nem mesmo entre os hypocritas. Para atacal-o fôra necessario ser incapaz de pejo.

O segundo livro de Jules Simon foi a *Religião natural*, obra de mui diverso caracter, que por isso mesmo não podia escapar a ataques apaixonados dos campos extremos. Posto a egual distancia da fé e da incredulidade, estava por força entre dois fogos. Os que crêem sinceramente, os que, em muito maior numero, fingem crer, nem sequer podiam perdoar-lhe o titulo; porque, dizer religião natural, é negar toda a religião revelada. Por outro lado, se, n'um campo de livres pensadores, alguns filhos perdidos do scepticismo o ridiculisavam de se entreter ainda com criancices desusadas, como a existencia de Deus, e a immortalidade da alma, havia espiritos menos aventurosos, que lhe lançavam em rosto o não ter, á moda de Descartes, limpado e arrasado o terreno, para abrir solidamente alicerces á sua religião natural; isto é, accusavam-no de não ter começado o seu livro por um capitulo preliminar, em que demonstrasse a impossibilidade de toda a revelação. No meio d'estes ataques contradictorios, Jules Simon permaneceu firme e sereno. Dissera o que quizera dizer, nem mais nem menos. Dissera o que pensava, e ficou sempre com a sua fé. As successivas edições do seu livro tem apparecido sem restricção, sem addicção, sem a menor errata de doutrina.

A terceira parte da sua trilogia, a *Liberdade de consciencia*, parece volver ao genero e caracter do primeiro livro, o *Dever*. O ultimo não podia achar de frente senão uma casta de adversarios, que negam essa liberdade, primeira entre as primeiras, porque tambem negam todas as outras que d'ella derivam, e querem conservar o genero humano sujeito d'alma e corpo ao jugo da auctoridade. D'entre os que desejam para todos os homens, como para si mesmos, a alforria do pensamento e da acção, que voz inimiga podia levantar-se? Entretanto todos serão esclarecidos, todos serão convencidos.

Fôra estranha e perigosa illusão contar entre as conquistas seguras do espirito humano a da liberdade de consciencia. Longe d'isso, e Simon o prova superabundantemente, nunca ella existiu realmente em nenhuma epocha da historia, e em nenhum paiz do mundo.

Por ventura offerece a antiguidade nação mais esclarecida e mais livre que Athenas no seculo de Pericles? E entretanto foi a democracia atheniense que decretou a morte de Socrates, e o exilio de Phidias. Limitemo-nos, porém, a lançar olhos sobre a Europa actual, mesmo depois que a revolução franceza lhe mudou a face. Procuremos n'ella a liberdade de consciencia.

Onde a acharemos?

Será na Italia? Mas na Italia o padre tem tambem poder temporal, e um catholico não se póde fazer protestante, ou fazer protestantes, sem naufragar nas galés por toda a vida.

Será na Hespanha? Mas a Hespanha, depois de ter expulso mouros e judeus; depois de ter queimado todos os suspeitos da heresia; recusa um cemiterio aos christãos dissidentes; e escrevendo na frente das constituições, que não conhecem outra religião senão a catholica romana, os espiritos mais liberaes cega e antecipadamente tornaram impossiveis todas as outras liberdades, que pretendiam fundar com esses pactos politicos.

Será em Inglaterra? Mas a historia da Irlanda? Mas os presbyterianos da Escocia? Mas a tyrannia que exerce em toda a parte sobre as leis, costumes e usos, a egreja estabelecida?

Será na Allemanha? Lá os discipulos de Luthero tornaram-se intolerantes como os filhos de Loyola. Os piedosos da Prussia não atacam mais a liberdade, que os jesuitas da Austria.

Será na Russia? É verdade que o viajante que desembarca em Cronstadt acha ahi reunidas a egreja grega e a egreja catholica, o templo lutherano, a synagoga judia, e a mesquita musulmana. É uma promessa de tolerancia. Mas tambem lá se tem visto perseguir todas as seitas, arrastar violentamente os dissidentes á orthodoxia grega. Os judeus da Polonia são ainda molestados nos seus costumes e praticas, como o foram outr'ora por Filippe II os mouros de Granada.

Será na Suecia, onde os papeis parecem trocados, rejeitando as assembleas nacionaes a lei que o governo lhes apresenta sobre a liberdade religiosa, e onde, pela lei de Talião, os catholicos são tratados como os lutheranos na Italia?

Será na Belgica, no Piemonte, em Portugal? Estes pequenos estados, dignos de maior grandeza, são hoje o exemplo das nações livres; porém ainda tem uma religião do estado, e isto diz tudo.

Será na França que não tem já religião do estado? N'esta parte a França tem dado grande passo para o progresso, mas tem ainda religiões de concordata, religiões protegidas; e nenhum novo culto póde nascer sem prévia auctorisação da policia, mesmo quando não peça ao estado, nem templo, nem verba no orçamento. Se uma seita se fórma, se uma pequena egreja quer estabelecer-se, um simples magistrado municipal, armado com os regulamentos da inspecção da limpeza, póde fechar essa egreja nascente, e dispersar essa communidade que queria viver sob a egide das leis, e sob as vistas do poder.

Olhemos mesmo para fóra da Europa, e procuremos no resto do mundo. Os Estados-Unidos da America vão offerecer-nos de direito uma liberdade illimitada, e de facto um numero prodigioso de seitas, que vivem umas ao lado das outras em paz perpetua, sem se perturbarem, sem se prejudicarem. Entretanto a liberdade dos cultos não chega até á liberdade de não ter nenhum culto, e a religião natural, se passasse o Atlantico, arriscava-se muito a ser tratada como o estrangeiro, que no seu domicilio toca ou canta ao domingo. Ao menos provocaria o despotismo dos costumes e do uso.

Esta rapida vista basta para demonstrar como o reinado da liberdade da consciencia vem ainda longe, e como resta muito a fazer para acabar essa conquista. Obstaculos de todo o genero, amontoados pelos seculos, obstruem o caminho que lá deve conduzir. Seja exemplo a França, que de certo está mais adiantada a respeito da liberdade religiosa, do que nenhum outro paiz. As sabias leis das suas grandes assembléas, que tiraram os registos civis ao clero para os entregar á auctoridade municipal, fizeram dar á questão um passo gigantesco. Mas que passos ainda não restam a dar para chegar á liberdade dos

cultos, isto é, á egualdade dos cultos, dos vindouros a par dos já existentes, para que, se nascesse outro christianismo, não fosse obrigado, como ha dezoito seculos, a refugiar-se nas catacumbas antes de poder converter e dominar o universo!

Deverão os cultos reconhecidos continuar a receber do estado edificios religiosos, e salarios para seus ministros, ou deverão abandonar-se, cada um á discrição dos seus fieis? No primeiro caso, se o padre catholico assalariado recebe uma ordem da auctoridade temporal, e outra ordem contraria da auctoridade espiritual romana, a quem deve obedecer? Em ambos os casos, a quem obedecerá o fiel nos actos da vida, desde o nascimento até á morte, atravessando o casamento, no meio de todos os conflictos que podem levantar-se entre o poder secular e o poder religioso? E a educação da mocidade, em que a religião e a moral entram, tanto como a instrucção classica, a quem pertencerá? Deverá o estado conservar o monopolio do ensino na universidade, ou póde abandonal-o ao clero, que, sendo a unica associação auctorisada, irá esmagar toda a concurrencia individual?

São questões complexas, difficeis, temiveis, mas por que é necessario cortar, se se quer chegar á verdadeira liberdade de consciencia, e cortar, não só por meio das leis, mas tambem por meio dos costumes. Vejam que batalhas pacificas não ha ainda a dar, para acabar similhante conquista!

O que acabâmos de dizer sobre o estado do mundo a respeito da liberdade de consciencia, e sobre as questões que esta simples palavra levanta, não tem outro objecto senão fazer comprehender toda a extensão e importancia do assumpto que Jules Simon acaba de tratar. Quanto ao proprio assumpto até nos absteremos de desfloral-o. Lêam o livro, que o auctor chama modestamente, não um tratado, mas um ensaio, e do qual toda a analyse seria imperfeita, obscura e descarnada. Lêam esse livro, em que se diz: — «o meu inimigo é a intolerancia» — e temos a convicção intima de que todo o leitor de bom senso, e de boa fé, *omnis homo bonæ voluntatis*, achará n'elle a inexoravel condemnação d'essa intolerancia tyrannica e perseguidora, que Voltaire com tanta razão chamava *infame*. Lêam esse livro, e n'elle acharão, apoiado na sciencia e na dialectica disfarçadas na mais suave fórma litteraria, um advogado caloroso, eloquente, decisivo, em favor d'essa liberdade, mãe e corôa de todas as outras!

ASSOCIAÇÃO CASAMENTEIRA

Dizem todos que é fecundo o principio da associação; nunca nol-o pareceu mais, que desde que o vimos applicado contra o celibato.

Nos departamentos do Var e da Gironda se tem formado varias associações de soccorros mutuos d'esta natureza. A que serve de modelo já funcciona ha quatro annos, está dividida em vinte secções, e conta 200 mulheres entre solteiras e casadas. Contribue cada uma com uns dezeseis tostões mensaes, o que vem a constituir um fundo de 3:840$000 réis por anno. Acrescenta-se a esta somma o producto das loterias semestraes, compostas de donativos e prendas feitas pelas associadas. No fim do anno a sociedade póde assim dispor de cinco ou seis contos de réis, que servem para dotar duas ou tres meninas designadas pela sorte. Se no espaço d'um anno estas não houverem casado, a somma torna para o cofre commum para dotar outras duas ou tres socias mais, que entrarão no sorteio no seguinte anno. Depois de casadas, as socias estão obrigadas a continuar a subscrever pelo espaço de dez annos. Casadas e solteiras devem aproveitar todas as occasiões licitas para encarecer o merecimento das associadas e facilitar-lhes collocação matrimonial.

Livre de todo o gracejo, recommendâmos este exemplo ao *Centro Promotor*.

L.

THOTH.

Esta tão simples quanto exquisita figura, que vemos na estampa, representa Thoth, o primeiro e supremo civilisador do Egypto. Depois de ter estudado, analysado e profundado os segredos espirituaes e physicos da natureza, recolheu todos os resultados, que obteve, n'aquelle pequenino vaso; e, quando lhe pareceu, começou, lá das alturas dos ceos, a entornar e a cobrir o solo e o povo egypcio dos fructos salutares das suas lucubrações. E' assim que a mythologia egypcia explica a iniciação dos seus primeiros cultores na instituição do culto, na invenção da agricultura, dos caracteres alphabeticos, da grammatica, da astronomia, das mathematicas, dos periodos do tempo, da geographia, da musica, da lyra, do commercio, da moeda, da magia, etc.

Muitas foram as questões que se ventilaram sobre a natureza e origem de um ser tão sabio, tão poderoso e tão beneficente. De sobejo se dividiram e multiplicaram as opiniões, as seitas e as crenças. Os evehméristas, por exemplo, diziam que Thoth havia sido um personagem puramente humano, e muitos d'elles até pretenderam demonstrar a sua identidade com Seth, Chanaan, Eliazar, e o proprio Moysés. Os sabios, porém, abandonaram similhantes assimilações, como ridiculas, dizem elles; e para cortar a intrincada e insoluvel contenda das hypotheses, assentaram em que Thoth era um deus. Ficou, não obstante, um outro não menos difficil nó por desatar, qual era o de saber e apreciar satisfactoriamente o logar que occupava na hierarchia divina. As legendas não se accordam n'este ponto. Segundo Sanchoniaton, a mais antiga das tradições diz que Thoth era anterior ao ceo, á terra, e a Kronos (o tempo), do qual foi conselheiro. Quer isto dizer em linguagem cosmogonica, que Thoth é a sabedoria divina presidindo ás evoluções do tempo.

Thoth foi o conselheiro d'Osiris e d'Isis, como o foi de Kronos. A propria Isis, esta sublime deusa que algumas vezes se identifica com Neith, a sabedoria e a energia divina, se representa como seu discipulo. Manéthon, na *Syncelle*, distingue tres personagens no nome de Thoth. O primeiro, ou Hermés Trismégista, inscreveu os principios de todas as sciencias sobre columnas, antes do diluvio; o segundo Hermés, filho d'Agothodœmon, traduziu os escriptos do primeiro; o terceiro, Hermés duas vezes grande, foi o conselheiro d'Osiris e d'Isis, e é a este ultimo que se dá as honras das uteis invenções de que fallâmos no principio d'este artigo. Quem está familiarisado com a theologia da antiguidade, facilmente comprehende que estes tres Thoths não são outra cousa senão tres fórmas do mesmo ser, e se o segundo é filho d'Agathodœmon ou Eneph, o primeiro confunde-se necessariamente com Piromi, o deus increado, absoluto, irrevelado.

Procurando formular o papel dos tres Thoths de Manéthon, vemos a intelligencia, isto é, deus, manifestando-se na humanidade para lhe revelar os principios das sciencias. Esta grande conquista do homem é, em parte, annullada por um espantoso cataclysmo; a intelligencia vem reconstruir o edificio

meio destruido; o mundo fica habilitado para progredir e desenvolver-se, e é o terceiro Thoth. Hermés duas vezes grande preside a este movimento ascensional: attribuição sublime que faz de Thoth o genio protector da humanidade. É por elle que o homem se engrandece, que o homem se eleva e se põe em communicação com os deuses. Elle não o abandona jámais, nem mesmo depois da morte; e no Amenthi, é Thoth com cabeça d'Isis quem escreve o resultado do peso das almas e o apresenta a Osiris.

As numerosas representações de Thoth, que se vêem nos monumentos, não deixam duvida alguma sobre o papel divino que a mythologia egypcia lhe attribuiu. A cabeça de gavião, o disco encarnado e radiante



Thoth

d'onde sáem os uræus, a palma, etc. são symbolos affectos ás altas divindades. Acha-se tambem representado com cabeça de cynocéphalo, animal fabuloso dos egypcios, e algumas vezes com cabeça humana.

Manéthon attribuia a Thoth a invenção das columnas ou stelas, sobre as quaes se escreviam as leis e as descobertas da sciencia. Dava-se o seu nome a estas columnas, e foi provavelmente isto que deu logar a attribuir-se a Thoth, pura manifestação da sabedoria, todos os escriptos conservados pelos sacerdotes egypcios. Segundo Clemente d'Alexandria, estes escriptos eram em numero de quarenta e dois. Quatro relativos á astrologia, isto é, á astronomia; doze ao hieroglypho, á cosmographia, á geographia, ao movimento do sol, da lua e dos outros planetas, á chorographia do Egypto, á descripção do ceo, ás ceremonias religiosas, á medição e natureza de todos os objectos empregados nos sacrificios, e aos logares consagrados pelo culto; dez tratavam das honras e homenagens que se devem aos deuses, e das praticas do culto; outros dez, chamados *sacerdotaes*, tratavam dos reis, dos deuses, e de toda a doutrina do sacerdocio; os dez ultimos, finalmente, eram consagrados á medicina, á anatomia, aos instrumentos de cirurgia, ás doenças das mulheres, etc. Segundo outros, o numero dos escriptos attribuidos a Thoth chega a 18.000.000!

Thoth era conhecido por muitos nomes. Na Phenicia chamavam-lhe Taaut; no Egypto, Thoyth; na Alexandria, Thoth; na Grecia, Hermés.

Platão, Cicero e Lactancio dão-lhe o nome de Theuth.

N. S.

TEMPOS DO ARTISTA.

Diz-se que um artista teve tres *tempos*, se viveu até uma edade avançada. O primeiro é o *tempo* dos ensaios, onde ainda não adquiriu os conhecimentos da sua arte, nem aquella liberdade, aquella facilidade e sábia franqueza de mão, que só a experiencia póde dar. — O segundo é o *tempo* da sua perfeição, relativa ao seu talento e aos seus conhecimentos na arte. — O terceiro é o *tempo* da sua decadencia, onde o declinar da edade e as enfermidades da velhice tiram a firmeza á mão, enfraquecem a vista, e muitas vezes roubam ao genio a faculdade de produzir.

É por isso que se diz: — *Esta obra é d'um tal artista, mas do seu primeiro tempo, etc.*

Na sua velhice o immortal Ticiano deu-lhe a mania de retocar os seus quadros, cujo colorido lhe não parecia muito vigoroso, dizia elle. Desgraçadamente não houve forças humanas que podessem impedil-o de *se corrigir*. E note-se que já via mui pouco. Os discipulos estavam inconsolaveis, e temendo que o grande homem d'outr'ora acabasse por estragar todos os seus primores d'arte, combinaram-se para lhe misturar nas tintas uma grande quantidade d'oleo d'azeitona, que, como se sabe, não sécca. Quando o illustre velho deixava o seu gabinete, os discipulos corriam immediatamente a limpar as suas correcções; e foi por este engenhoso meio que se salvaram muitos dos seus admiraveis quadros.

Ticiano estava no seu terceiro *tempo*.

N. S.

AERÓLITHO.

Ás quatro e meia da tarde do 1.º de outubro proximo passado, estando a atmosphera serena, se ouviram de repente sete detonações espantosas que se succederam com intervallos regulares, e caiu no termo de Ormes (Loiret) um aerólitho do tamanho de uma maçã, que foi partir-se contra um andame onde estava trabalhando um pedreiro, que o guardou. M. Ségnier, membro da academia das sciencias de Paris, apresentou aquella pedra a este corpo scientifico, o qual encarregou á sua commissão de chimica de examinar o aerólitho e apresentar por escripto as observações que fizer.

L.

ENIGMA PITTORESCO



LISBOA — Typographia de Castro & Irmão, rua da Boa-Vista, 4 P.